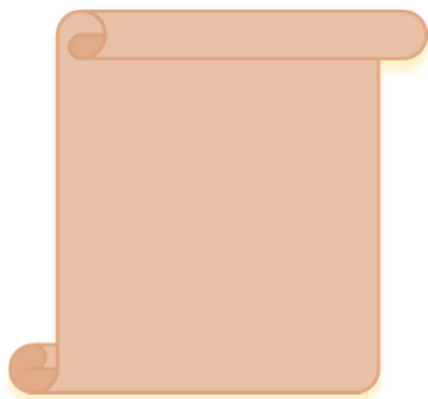
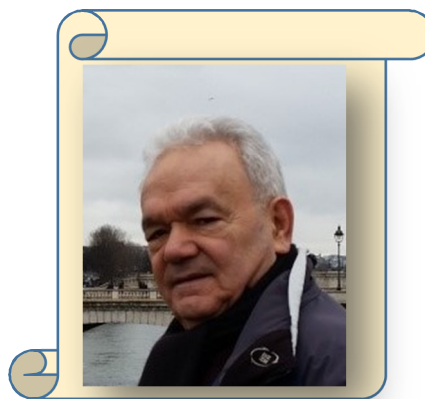


Entrevista



Antes



Actual

Nome – JOSÉ EMÍDIO DA CONCEIÇÃO MEDEIROS

Nascimento – 02 Maio 1945

Ensino Primário – Escola António Enes – BEIRA

Ensino Secundário – Liceu Pero de Anaiá – BEIRA

LM/UNIVERSIDADE – Medicina 1966

Serviço Militar - Infantaria – Mecanhelas (Lago Niassa) 1968/1971

Carreira Profissional –

1. **Moçambique:** PROFESSOR COOPERANTE – Matola até 1977
2. **Africa do Sul** – de 1978 a 1987
3. **Canada** - (Cambridge-Ontário) desde 1988

Situação Profissional – Quality Engennier – Industria Automóvel.

COMENTÁRIOS -

Há motivos e considerações pessoais que com maior ou menor influência, são dignos de nota nesta resenha da formação do Cinema 66 na A.A.M.

Fresquinho nos meus 20 anos, aterrei em Lço. Marques preocupado com os exames de admissão e completamente ignorante das actividades sociais, já em acção na Associação de Estudantes. Tinha passado as férias grandes sem qualquer esperança de acesso à Universidade, pois tendo deixado a minha cadeira preferida (Físico-química) para a segunda época, tendo em vista estar fresco para a admissão (e tentar convencer o meu pai a mandar-me para Lisboa) acabei por chumbar a Matemática. Preparava-me então para um sétimo ano simples, com direito a acesso aos serviços militares mandatários em 1966.

Foram umas férias onde o menos habitual se tornou no dia-a-dia: praia, namoro e uma convivência mais participativa nas actividades do Centro Cultural e do Cineclube da Beira. As actividades no Cineclube foram as que mais marcadamente influenciaram o meu interesse nas artes cinematográficas. No meio de tertúlias onde a análise acabava

Entrevista

por se quedar em questões de técnica de cinematografia, foi nascendo em mim um interesse marcante pelas questões sociais e políticas que o bom cinema da época ia trazendo de vez em quando, por via de alguns clássicos adicionados às rabulas do “Charlot”. Paradoxalmente era este mais visto no cineclube na altura, sendo os outros filmes de interesse vistos no circuito comercial da cidade.

Mas, as tertúlias quase sempre se dividiam num continuum de grupo em “cafés-restaurantes” previamente seleccionados. Nos grupos em que me inseri, os receios de conversas sociopolíticas eram menores, embora constrangidos e nunca abertamente doutrinários. Pertenci também, ou fui aceite num grupo de amigos onde o acesso a literatura proibida, na altura, foi de grande influência. Hoje reconheço que tal influência alargou o meu processo analítico, mas surpreendentemente não me doutrinou ao ponto de militância. O mais positivo, penso eu, terá sido uma “vacina” eficiente contra a doutrinação fascista com que eramos bombardeados diariamente. Em Lço.Marques essa vacina provou-se de valor. Nos grupos em que convivi, desde os intelectuais com sonhos revolucionários apostados em conquistas amorosas, tais personagens de um qualquer livro de Miller, ou personagens dos filmes de Renoir, aos acomodados ao sistema que conseguiam ignorar a realidade que se ia transformando na Cidade.

Direi também que, não pelo cineclube mas mais através de convívios e participações no T.A.L.M. do Mário Barradas a convivência com o pintor Rui Quadros e outras pessoas ligadas ao T.A.L.M., continuei a ter interesses culturais avessos às correntes “autorizadas”.

E foi nesta corrente que, mais por punição ao caloiro do que por mérito próprio, que fui “brutalmente” inserido. Se não estou em erro, foi o Armando Alves que com palavrinhas mansas a outros membros da Direcção da A.A.M. me colocou nas mãos e em frente do microfone, o discurso de abertura da Universidade em 1965. Se isto tivesse sido um teste para a futura “Radio Universidade” onde colaborei desde início, certamente teria sido um chumbo. Adiante...

Há um espaço breve entre aquela actividade associativa e a minha primeira acção em suporte do Armando Alves em levar à massa estudantil outras culturas e outras visões do mundo. Não era só a diferença de mundos em que vivíamos que nos propúnhamos espalhar. À semelhança com as actividades e interesses que tínhamos ganho nas nossas convivências liceais, procuramos acima de tudo desbloquear os colegas da cultura universalista “filtrada” que já estava a instalar-se na Universidade – TEUM – como exemplo.

O controlo exercido pela Reitoria à AAM era “facilitado” por via de um suporte “aparentemente” desinteressado porque demovido de chavões e normas comportamentais. Aqui faço uma ressalva, dos muitos pontos comuns que me ligam ao Armando Alves e tendo como certeza o nosso interesse na criação de uma secção de

Entrevista

cinema na AAM, devo salientar que cada um de nós individualmente se regeu por interesses similares mas não necessariamente com a mesma ordem de importância para ambos. Eu, apesar de tudo, ainda com muitas influências e vivências diferentes das dele, ainda confuso da minha inesperada situação na cidade e na Universidade e sobretudo com o inesperado acesso a esta, quem sabe num curso completamente despropositado para mim – isto descoberto num futuro distante desses dias confusos.

E assim nasceria – ou se baptizava – o CINEMA 66, numa noite de intensa actividade no edifício da Reitoria, mesmo ali junto ao cais, quando da preparação do plano da Lista B para eleição dos corpos directivos da AAM (tanto stencil estragado)

Por vezes com filmes do Cineclube onde o AA já pontificava, outras com filmes obtidos nas Embaixadas de França e do Canada lá íamos projectando algumas obras de arte e ensaiando criticas escritas, mas muito principalmente levando a ideia de que o cinema não era só uma distracção de fim-de-semana.

Para além de projecções na Sede da AAM usámos também o anfiteatro da Faculdade de Medicina, onde o Director da Faculdade foi de grande ajuda. É meu parecer, dadas as convicções religiosas do Director – Opus Dei – que tal ajuda estava bem enquadrada nos esquemas de controlo que a a Faculdade universitária se outorgou como responsável.

O esforço valeu e alguém com memória menos estragada que a minha se encarregará de fazer as listas de filmes, apresentar programas e essas coisas boas que constituem parte do historial. Há também pequenos incidentes anedóticos que não devem ser esquecidos, quanto mais não seja para localizar a actividade num ambiente tão diverso como de espantosas incongruências...

Nós não deixávamos escapar nenhuma oportunidade, nem nenhum método para encher as salas e fazer um pouco de dinheiro com mais sócios e assistentes às sessões. Assim, eram enviados convites e pedidos de associação a todo o sitio onde houvesse estudantes universitários e candidatos...Um desses sítios era um “LAR FEMININO” dirigido por Freiras, a nossa propaganda mais o “charme” do Armando levou o lar em peso a comparecer a uma sessão no Anfiteatro de Medicina. Antes de apresentarmos o filme de fundo “A BELA E O MONSTRO” de Jean Cocteau e codirigido por Rene Clement, projetámos um documentário medico de 40 minutos de duração, uma forma sofisticada de “dar graxa à Faculdade e ao seu Director”.

A coisa estava a ser um sucesso, mas muitos espectadores dum anfiteatro quase cheio não chegaram a ver o Tal “BELA E O MONSTRO” (Jean Marais).

As meninas do lar tinham-se feito acompanhar – parte das regras do dito – por algumas freiras. Tudo bem até ao ponto em que o documentário mostra um paciente nu...

Entrevista

Até hoje ainda não sei se as freiras se chatearam porque mostramos um homem nu, ou pelo facto de uma das enfermeiras do documentário ser uma freira, (sem falso pudor, como mandava a etiqueta hospitalar da época)

Pareceu-me e aqui penso que o A. Alves poderá ser mais claro – que a Universidade como emblema de formação cultural, estava a elitizar-se e a dissociar-se da Cidade; assim como uma espécie de elite coimbrã....

Como era usual na sociedade portuguesa da época e muito típico da sociedade dita progressista das colónias, ignorar o caldeirão social que naquela e noutras cidades de Moçambique estava a ferver lentamente, era uma fórmula com várias ramificações que servia do mesmo modo polos opostos. Os que poderiam ter avançado dum modo ou doutro, foram os que mais perderam. Viver para um futuro de adiamento permanente não foi fácil, mesmo para uma pequena burguesia negra que em se buscando se foi perdendo.

Mas, foi até às datas acima, que participei e vivi em convívios de esperança e sonho os meus mais marcantes momentos associativos.